

As Armas de Pierre Bourdieu Contra o ‘Flagelo Neoliberal’

Pierre Bourdieu's Weapons Against the ‘Neoliberal Scourge’

*Keila Lucio de Carvalho¹ 

Resumo

A questão neoliberal, embora não tenha tido tratamento teórico sistematizado por parte de Pierre Bourdieu, perpassou o conjunto de sua obra sobretudo a partir da década de 1990. Este artigo busca demonstrar que suas considerações sobre o neoliberalismo estiveram relacionadas à constituição de uma subjetividade de resistência política em torno de sua conformação como intelectual público. Para tanto, foram articuladas as mais significativas experiências de engajamento público mobilizadas por esse sociólogo ao seu enfrentamento à questão neoliberal. Por fim, será realizada uma interpretação do sentido dessa subjetividade de resistência ao neoliberalismo. A incorporação crítica desse repertório teórico e político pode nos inspirar para novos fazeres sociológicos, à luz das exigências e dos compromissos atuais.

Palavras-chave: Pierre Bourdieu. Neoliberalismo. Engajamento Público. Intelectual público.

Abstract

Although it did not have systematic theoretical treatment on the part of Pierre Bourdieu, the neoliberal issue goes through the whole of his work especially from the 1990's. This article seeks to demonstrate that his considerations about neoliberalism were related to the constitution of a subjectivity of political resistance around his conformation as a public intellectual. To this end, the most significant experiences of public engagement mobilized by this sociologist were articulated to his addressing the neoliberal issue. Finally, will be realized an interpretation of the meaning of this subjectivity of resistance against the neoliberalism. The critical incorporation of this theoretical and political repertoire can inspire us for new sociological actions, in the light of current demands and commitments.

Keywords: Pierre Bourdieu. Neoliberalism. Public Engagement. Public intellectual.

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Campus Maracanã (CEFET/RJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0391-1179>.

Os últimos anos da trajetória de Pierre Bourdieu (1930-2002) representaram a consolidação de seu papel como um intelectual politicamente engajado no cenário político e midiático francês. A construção e vitalidade desse engajamento público foi resultado do novo clima político na França que se aprofundou com a onda de greves de dezembro de 1995 (BENSAÏD, 1998; LAVAL, 2018; WOLFREYS, 2000).

O interesse deste artigo consiste em buscar as linhas gerais de entendimento do autor sobre o fenômeno neoliberal que atravessou suas diferentes experiências de engajamento público. O enfoque consiste, portanto, menos em sistematizar o que seria uma análise bourdieusiana sobre o neoliberalismo e mais resgatar o sentido de uma subjetividade insurgente presente em suas experiências de engajamento.

Bourdieu enxergou o aprofundamento do neoliberalismo como uma “crise de civilização” e, que, por isso mesmo, precisava da mobilização de suas armas intelectuais para fazer frente a essa crise. Com isso, não queremos apagar outros momentos de engajamento público de Bourdieu – como seu emblemático envolvimento na luta pela descolonização da Argélia em finais dos anos 1950 e início de 1960. O que buscamos destacar é que a “ofensiva neoliberal” colocou para o sociólogo francês novas exigências intelectuais, que fizeram com que seu engajamento se desse de forma mais visível, mais pública e mais midiática. Foi, então, no final de sua trajetória que Bourdieu dedicou-se a um público mais amplo. Suas intervenções públicas desempenharam um papel importante no debate político francês.

Além das obras e contribuições direcionadas a um público mais acadêmico, foi realizada uma pesquisa exploratória das experiências de engajamento público utilizando-se um campo específico, que teve como objetivo reunir um conjunto de documentos e registros formulados no debate público: artigos jornalísticos e entrevistas, livros de interesse editorial extra-acadêmico, participações em programas de televisão, documentários, manifestos, petições e declarações públicas, participações em movimentos sociais e organizações, entre outros. Para efeitos de exposição e como forma de reconstituir os traços mais fundamentais do engajamento público de Bourdieu frente à questão neoliberal, dividimos esta análise em dois momentos.

O primeiro momento, ou a primeira parte do artigo, “Do intelectual coletivo de *As regras da arte* às repercussões de *A miséria do mundo* (1992-1995)”, apresenta alguns traços fundamentais das reflexões de Bourdieu que contribuem para legitimar um novo discurso e uma nova prática de resistência. Esse momento também foi marcado por mudanças estilísticas significativas em relação ao período anterior, que contrastaram com seus textos mais herméticos. É nesse momento que Bourdieu elabora suas primeiras formulações de um novo sentido para o papel dos intelectuais, sobretudo em *As regras da arte*, publicado em 1992. Em *A miséria do mundo*, obra da qual foi coordenador, com publicação em 1993, Bourdieu (1997a) sugere ações e tarefas para movimentos antiglobalização neoliberal, abertamente disposto a contribuir científica e politicamente para a reinvenção do papel do intelectual nesse contexto.

No segundo momento, “Das grandes greves de 1995 até os momentos finais da vida (1995-2002)”, buscamos demonstrar que foi a partir da experiência vivida nas greves de 1995 que Bourdieu, já inteiramente consagrado não somente

na França, mas em vários países, abre um flanco contra a “destruição de uma civilização”, ao lado das “vítimas da política neoliberal” (BOURDIEU, 2001a, p. 40-41) e dos movimentos sociais, colocando-se para si as tarefas de uma crítica pública do neoliberalismo. Não podemos desconsiderar, portanto, as lições políticas e os desafios analíticos que esses movimentos sociais incidiram sobre a trajetória intelectual de Bourdieu.

Embora não se encontre nas obras de Bourdieu uma análise mais sistematizada sobre o neoliberalismo, é possível resgatar neste autor variadas considerações que serviram, inclusive, de base teórica para seu engajamento. As análises de Bourdieu sobre o neoliberalismo representam muito mais uma coleção de textos ocasionais do que um tratado teórico ou uma espécie de “sociologia do neoliberalismo” (CALLINICOS, 2009; LAVAL, 2018). Além disso, cabe ressaltar que, muitas vezes, Bourdieu utiliza os termos “globalização neoliberal”, “globalização”, “revolução neoliberal”, “mundialização”, “revolução conservadora”, “culto ao mercado”, para se referir ao “neoliberalismo”.

No seguinte trecho, Bourdieu apresenta as linhas gerais de sua argumentação da questão neoliberal a partir do viés econômico, enfatizando a combinação da política de austeridade com o desmantelamento dos serviços públicos:

A economia neoliberal, cuja lógica tende, nos dias de hoje, a se impor em todo o mundo por meio de instâncias internacionais como o Banco Mundial ou o FMI e os governos aos quais esses ditam, direta ou indiretamente, seus princípios de ‘governabilidade’ [‘gouvernance’], possui algumas de suas características, pretensamente universais, ao fato de estar imersa em uma sociedade particular, quer dizer, mergulhada em um sistema de crenças e de valores, um ethos e uma visão moral de mundo; em resumo, um sentido comum econômico ligado, como tal, às estruturas sociais e cognitivas de uma ordem social particular. E a teoria econômica neoclássica toma dessa economia particular seus pressupostos fundamentais, que formaliza e racionaliza como fundamentos de um modelo universal. Este modelo se apoia em dois postulados [...]: a economia é um domínio separado, governado por leis naturais e universais que os governos não devem contrariar com intervenções intempestivas; o mercado é o meio ótimo de organizar a produção e os intercâmbios de modo eficaz e equitativo nas sociedades democráticas (BOURDIEU, 2001b, p. 23-24).

Os efeitos do neoliberalismo, marcados pela “precariedade social” é, portanto, um resultado da ação política, e não uma fatalidade econômica. A “flexibilização”, que explora uma sensação de insegurança permanente através da “violência estrutural do desemprego, da precariedade e do medo inspirado pela ameaça de demissão” (BOURDIEU, 1998, p. 140), consiste em uma das principais estratégias de precarização e tornam possíveis outras novas modalidades de exploração e dominação.

Em várias passagens, Bourdieu (1998, 2001a, 2014) enfatiza que o “culto ao mercado” não se realiza por fora do Estado e que nossas sociedades são penetradas de um extremo a outro pela lógica estatal, ainda que em termos de “globalização neoliberal”. O que está na mente de Bourdieu é a sua teoria sobre a autonomia dos campos: o neoliberalismo representa justamente a perda de autonomia do campo político, em um cenário de imperialismo por parte do campo econômico. Não se trata

somente da defesa do social, dos serviços públicos e da proteção social, mas também de soberania dos Estados nacionais e, sobretudo, de ameaça da civilização, a partir de uma intrusão progressiva da lógica econômica naqueles domínios que eram construídos por fora dos interesses privados.

A realidade ambígua do Estado não anula o fato de que uma “demissão do Estado” estava em curso. Esse fenômeno representaria, portanto, a retirada do Estado de determinados setores da vida social (habitação, educação, saúde), o que significa, para Bourdieu, a “liquidação das conquistas do *welfare state*” e principalmente, no discurso público de elogio à empresa e interesse privados” e na adoção da “linguagem da racionalidade econômica” (BOURDIEU, 1998, p. 11, 14) baseada numa forma histórica mais radical de *laisser-faire*, como “enxugamento” e “flexibilização” (BOURDIEU, 2001a), que se estendem em diferentes âmbitos da vida em sociedade. Por essas razões, segundo o autor, a utopia neoliberal, convertida em programa político amparado pela teoria econômica da racionalidade individual, revela que o neoliberalismo é uma força social, em vias de ser plenamente realizada. Não se trata apenas de um discurso político, mas de um programa de ação enraizado não apenas na lógica política e econômica, mas nos demais aspectos da vida social.

A perspectiva neoliberal impregnada nas políticas públicas torna essas ações amparadas no ideal da “responsabilização individual” e da “filosofia da competência”, uma espécie de “neodarwinismo social” (BOURDIEU, 1998, p. 58), o que contribui “para a transformação do povo (potencialmente) mobilizado em um agregado heterogêneo de pobres atomizados, ‘excluídos’, como são designados pelo discurso oficial” (BOURDIEU, 1997a, p. 218-219):

[...] será que um certo tipo de teorias liberais, que florescem hoje, mas contra as quais toda essa filosofia do Welfare State se desenvolveu, não tem como função coletiva deixar em posição de criticarmos as vítimas, e dizer: “eles são pobres, mas a culpa é deles”? (BOURDIEU, 2014, p. 468).

Esse redirecionamento no âmbito das políticas públicas, iniciado nos anos 1970 na França, foi entendido por Bourdieu como resultado de uma “conversão coletiva à visão neoliberal” e teve seu aprofundamento em meados dos anos 80, durante governo de François Mitterrand (1981-1988) do Partido Socialista (PS), que coincidiu com a consumação da “demolição do Estado-providência” (BOURDIEU, 1998, p. 15) com base em um

programa regressivo em matéria social que o patronato não cessa de promover, nos discursos como nas práticas, desde meados dos anos 70: redução da intervenção pública, mobilidade e flexibilização dos trabalhadores, - com a multiplicidade e a precarização dos estatutos, a revisão dos direitos sociais e o relaxamento das condições de demissão, ajuda pública ao investimento privado através de uma política de ajuda fiscal, redução dos impostos patronais, etc. (BOURDIEU, 2001a, p. 18).

Por ter percebido que a lógica da racionalidade econômica neoliberal estava transbordando para outras esferas da vida social, o que estava colocada era a necessidade

de extrapolar seu ideal de intelectual coletivo, daquele intelectual que restringe sua intervenção pública nos marcos de suas competências científicas e/ou artísticas.

Considerando as questões indicadas, a seguir são apresentadas algumas das mais significativas experiências de engajamento público de Bourdieu, sobretudo a partir da década de 1990. Essas experiências revelam um novo direcionamento da trajetória intelectual desse sociólogo, colocando a questão neoliberal no centro de suas preocupações teóricas, como principal motor de sua construção como principal intelectual público francês do contexto de mobilizações antineoliberais dos anos 1990.

Do Intelectual coletivo de *As Regras da Arte* às Repercussões de *A miséria do Mundo* (1992-1995)

Desde o pós-escrito de *As regras da arte*, Bourdieu defendeu um programa para uma ação coletiva dos intelectuais baseado na possibilidade de construir “contrapoderes críticos capazes de se opor à força econômica e política” do neoliberalismo (BOURDIEU, 1996, p. 369) e “propor ou impor reflexões e recomendações aos poderes políticos e econômicos” (BOURDIEU, 2015, p. 194). Esse programa representaria a realização do intelectual coletivo – aquele que utiliza de suas competências para a intervenção nas questões públicas da sociedade.

Desde os anos 1990 Bourdieu reconheceu a importância sociológica do neoliberalismo e a ameaça que representava para a sociedade. Foi no pós-escrito de *As regras da arte*, intitulado “Por um corporativismo do universal”², que o sociólogo francês defendeu a possibilidade de extrair, a partir do conhecimento dos mecanismos de funcionamento dos campos de produção científica, cultural e artística, um programa para uma ação coletiva dos intelectuais – a “*Realpolitik* da razão” e o “corporativismo do universal”. Bourdieu constatou que, naquele momento³, as disposições críticas, necessárias por constituírem tanto a condição quanto o resultado da autonomia do campo intelectual, estavam ameaçadas diante da nova racionalidade neoliberal.

Não se trata, portanto, de uma crítica negativa à figura do intelectual presente nos seus escritos anteriores.⁴ Foi a partir desse momento, Bourdieu considerou que eles podem cumprir um papel público importante na sociedade. Essa foi a aposta presente no discurso mais “militante” do sociólogo francês – defender a *sociologia como esporte de combate*. Em especial, os dois volumes de *Contrafogos* (BOURDIEU, 1998, 2001a) ilustram de forma contundente essa concepção e discurso sociológico, tecendo uma luta contra o desmonte do Estado de bem-estar social.

Já em 1985, o manifesto lançado por Bourdieu de apoio ao Sindicato Autônomo Solidariedade, o *Solidarność*, tinha como objetivo “estabelecer um vínculo análogo ao que se havia instaurado na Polônia entre os intelectuais e os trabalhadores do Solidariedade” (BOURDIEU, 2015, p. 193).

Na ocasião de lançamento do manifesto pela Internacional dos Intelectuais em 1992, Bourdieu avalia:

² No sentido de um comprometimento coletivo com a defesa de valores universais, interesses comuns, consensuais e inequívocos.

³ Em 1992, quando da publicação de *As regras da arte* (BOURDIEU, 1996).

⁴ Tomamos, por exemplo, as dificuldades apontadas sobre os possíveis entrelaçamentos entre os campos político e científico em *Ofício de sociólogo* (BOURDIEU; CHAMBOREDON; PASSERON, 2010).

O intelectual é um ser *paradoxal*, que não pode se pensar como tal enquanto se prender por meio da alternativa clássica da autonomia e do compromisso, da cultura pura e da política. Isso porque se tem constituído, historicamente, *sobre e mediante a superação* desta oposição: os escritores, os artistas e os cientistas se afirmaram como intelectuais quando, durante o caso Dreyfus, interviram na vida política como tais, quer dizer, com uma autoridade específica fundada sobre o pertencimento ao mundo – relativamente autônomo – da arte, da ciência e da literatura, e em todos os valores associados a essa autonomia: desinteresse, competência etc. O intelectual é um personagem bidimensional, somente existe e subsiste como tal se, por um lado, existe e subsiste um mundo intelectual autônomo (quer dizer, independente dos poderes religiosos, políticos, econômicos), cujas leis específicas respeita, e se, por outro lado, a autoridade específica que se forja nesse universo a favor da autonomia está comprometida nas lutas políticas. (BOURDIEU, 2015, p. 281, grifos do autor).

Em entrevista ao *Le Monde*, publicada em 14 de janeiro de 1992 e reproduzida em *Contrafogos*, Bourdieu (1998) enfatiza a necessidade de redefinir o papel do intelectual crítico e seu papel político em um contexto em que o Estado se desresponsabiliza do tratamento das questões sociais não somente na França, mas em toda a Europa:

Desejo que os escritores, os artistas, os filósofos e os cientistas possam se fazer ouvir diretamente em todos os domínios da vida pública em que são competentes. Creio que todo o mundo teria muito a ganhar se a lógica da vida intelectual, da argumentação e da refutação, se estendesse à vida pública (BOURDIEU, 1998, p. 18-19).

A miséria do mundo (1997a) foi elaborada nos anos 1990-1 e publicada somente em 1993, envolvendo uma equipe numerosa de sociólogos. O título é uma resposta à declaração de Michel Rocard, ex-primeiro ministro (1988-1991) pelo Partido Socialista Francês (PSF), que, referindo-se à questão da imigração, afirmou que “a França não pode acolher toda a miséria do mundo”.⁵ Suas mais de setecentas páginas tiveram como objetivo compreender as condições de produção das formas contemporâneas da miséria social, por meio de “depoimentos que homens e mulheres nos confiaram a propósito de sua existência e de sua dificuldade de viver” (BOURDIEU, 1997a, p. 9). No pós-escrito dessa obra, Bourdieu retoma sua compreensão a respeito da eficácia social e política da ação dos intelectuais:

[...] por mais cético que se possa ser sobre a eficácia social da mensagem sociológica, não se pode anular o efeito que ela pode exercer ao permitir aos que sofrem que descubram a possibilidade de atribuir seu sofrimento a causas sociais e assim se sentirem desculpados; e fazendo conhecer amplamente a origem social, coletivamente oculta, da infelicidade sob todas as suas formas, inclusive as mais íntimas e as mais secretas (BOURDIEU, 1997a, p. 735).

⁵ A primeira parte da frase polêmica de Michel Rocard – “A França não pode acolher toda a miséria do mundo, mas deve receber fielmente sua parte” – ainda hoje é frequentemente utilizada para criticar o direito à nacionalidade e fazer avançar as políticas de restrição às fronteiras e de permanência nesse país.

De acordo com Patrick Champagne (2004), essa obra representou um “golpe editorial”: trata-se de um “livro grande, para que os jornalistas não o lessem, mas com um bom título para que mesmo assim falassem dele” (CHAMPAGNE, 2004, p. 13). A obra obteve grande repercussão política, disparando “debates pelas esferas acadêmica, jornalística e política” (WACQUANT, 2013, p. 34), e foi adaptada para diversas produções teatrais, como *France parle* (1993), *Signes particuliers* (1991), *Abbas* (1995), *Chronique des funambules* (1995) e *Le jour et la nuit* (1996).⁶

Figura 1 – Cartaz de divulgação da peça *Abbas*



Fonte: Dominique Féret (1995).

Figura 2 – Cartaz de divulgação da peça *Le jour et la nuit*



Fonte: Didier Bezace (1996).

Além de abordar a questão da imigração e da xenofobia, diferentes tipos de sofrimento humano foram objeto de análise nas crônicas dessa obra. Segundo Bourdieu, a vivência das diferentes manifestações do sofrimento e da miséria

⁶ De acordo com Neveux (2013), as crônicas de *A miséria do mundo* foram adaptadas por diretores empenhados em apresentar as experiências dos socialmente excluídos, trabalhadores e imigrantes ilegais.

humana é resultado da conversão societária ao neoliberalismo, que transformou o liberalismo econômico na condição necessária e suficiente da liberdade política (BOURDIEU, 1997a, p. 217).

O que o mundo social fez, o mundo social pode, armado deste saber, desfazer. Em todo caso é certo que nada é menos inocente que o *laissez-faire*: se é verdade que a maioria dos mecanismos econômicos e sociais que estão no princípio dos sofrimentos mais cruéis, sobretudo os que regulam o mercado de trabalho e o mercado escolar, não são fáceis de serem parados ou modificados, segue-se que toda política que não tira plenamente partido das possibilidades, por reduzidas que sejam, que são oferecidas à ação, e que a ciência pode ajudar a descobrir, pode ser considerada como culpada de não assistência à pessoa em perigo (BOURDIEU, 1997a, p. 735-736).

Segundo os editores da obra *Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-1992)* (2014), o sucesso editorial de *A miséria do mundo* foi ampliado pelas posições públicas de Bourdieu a favor dos grevistas durante o movimento de dezembro de 1995. *A miséria do mundo* traduziu o clima político do mundo neoliberal e suas implicações nas raízes de sofrimento das pessoas, sob os efeitos das políticas neoliberais: “demolição da ideia de serviço público”, “retirada e demissão do Estado”, “desmantelamento da coisa pública” e desvalorização da “dedicação obscura ao interesse coletivo”. (CHAMPAGNE *et al.*, 2014). De acordo com Bourdieu (1998, p. 45), “no caso da França, o Estado começou a abandonar um certo número de terrenos de ação social. A consequência é uma soma extraordinária de sofrimentos de todos os tipos, que não afetam apenas as pessoas que vivem em grande miséria.”

Em 1992, quando a obra estava sendo editada, Bourdieu (2015, p. 264-265) concedeu uma entrevista na qual se referiu aos “sofrimentos materiais e morais” típicos do que ele mesmo se referiu em outros momentos como “flagelo neoliberal”: os sofrimentos relacionados ao sistema escolar, tanto pela escola não ser o que se espera dela quanto pelos títulos escolares não corresponderem às promessas de inserção no mercado de trabalho (para os graduados); os sofrimentos pela degradação das condições de trabalho, relacionadas à crise dos sindicatos e pela precariedade dos empregos, e das condições de habitação. Além de outros sofrimentos que representam “custos sociais”, como racismo, violência e demais opressões, tudo aquilo que provoca medo e desespero nas pessoas, o que acabam favorecendo tais políticas.

Em abril de 1993, junto com Abbe Pierre, padre católico francês, Bourdieu foi convidado a participar do conceituado programa *La Marche du Siècle*, apresentado por Jean-Marie Cavada em horário nobre da televisão francesa. O tema do programa foi a miséria social, na trilha da repercussão de *A miséria do mundo*.

Na edição de 7 de dezembro de 1993, o jornal *Le Monde* publicou uma entrevista de página inteira sobre o recebimento, inédito por um sociólogo, da medalha pelo renomado Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS), enfocando o chamado de Bourdieu à constituição do “intelectual coletivo”, com destaque para seu papel no enfrentamento público nas lutas antineoliberais. Bourdieu participou intensamente do campo jornalístico, em especial a partir de 1995. Para o referido jornal, Bourdieu escreveu cerca de vinte artigos entre 1967 e 2000. Já o *Le Monde Diplomatique* publicou aproximadamente onze artigos do autor a partir de 1961, incluindo alguns cursos ministrados no *Collège de France*.

Figura 3 –Matéria de capa sobre o falecimento de Bourdieu

Le Monde

20 € - FRANCE METROPOLITAINE - VENDREDI 25 JANVIER 2002 FONDATEUR: HUBERT BELUVE-MÉRY - DIRECTEUR: JEAN-MAURIE COLOMBANI

C'est le moment de relire Bourdieu!

Pierre Bourdieu est mort

Professeur au Collège de France, le philosophe est décédé mercredi. Mondiallement reconnue, sa sociologie critique s'accompagnait d'un engagement aux côtés des mouvements sociaux.

PIERRE BOURDIEU est décédé, mercredi 25 janvier, à 23 heures, à l'âge de 71 ans. Il est mort des suites d'un cancer, à l'hôpital Saint-Antoine de Paris. Internationallement reconnu et discuté, son œuvre a fondé, d'un point de vue académique, une école de sociologie critique de la modernité qui s'est accompagnée, ces dernières années, d'un engagement de plus en plus prononcé aux côtés des mouvements sociaux.

Comme sociologue, Pierre Bourdieu était en fait philosophe de formation. Né le 1^{er} août 1910, élève de l'école normale supérieure, il passe l'agrégation de philosophie et commence sa carrière universitaire à la faculté des lettres d'Alger en 1938. Ses premiers travaux sont consacrés à ce pays - Sociologie de l'Algérie, en 1958, et surtout *Le Dévoilement*, en 1964. Mais c'est avec ses recherches sur les étudiants et sur le système éducatif (*Les Héritiers*) en 1966, puis *La Reproduction* en 1970 qu'il se fait vraiment connaître, dans le climat de débat intellectuel des années 1960. Suivent des travaux sur des thèmes aussi divers que la culture, l'art, la littérature, la politique, les médias, la haute fonction publique, la misère sociale, la domination masculine, etc. Directeur d'études à l'école des hautes études en sciences sociales (EHESS), élu au Collège de France en 1981, il réunit autour de lui une école sociologique dont la revue *Actes de la recherche en sciences sociales*, fondée en 1975, sera la vitrine.

Pour ses disciples, sa théorie du monde social constitue une « révolution symbolique », semblable à celles qu'ont pu connaître d'autres disciplines. Pour ses détracteurs, l'originalité de la sociologie de Pierre Bourdieu était obscurcie par un certain sectarisme et par ses engagements partisans, de plus en plus marqués ces dix dernières années.

« Ce que je déteste, indiquait-il au Monde en 1992, c'est la possibilité et la nécessité de l'intellectualisme critique. » Il ajoutait : « Il n'y a pas de démocratie effective sans vrai contre-pouvoir critique. L'intellectuel en est un, et de première grandeur. »

Lire pages 29 et 30

tielle : Chirac accélère if de campagne se met en place

Les Jacques Chirac et ses lieutenants occupent le terrain de la campagne électorale. D'ordinaire la droite veut répondre coup pour coup aux attaques de la gauche. Dans un entretien au Monde, Jean-Louis Destot donne le ton. Pour le président du groupe RPR, le premier ministre « insouffle le poison des affaires ». Lire page 8

é des ombres de X'ân échappe de justesse aux boursicoteurs

FESTIVAL D'ANGOULÊME

Fonte: PIERRE... (2002).

Em 1994, Bourdieu participa ativamente da criação do Parlamento Internacional dos Escritores,⁷ com a finalidade de organizar não apenas uma solidariedade entre intelectuais e escritores de todo o mundo como também de inventar novas formas de intervenção dos intelectuais no espaço público, para além das formas tradicionais de assinaturas de petições e participações em protestos. A criação do Parlamento dos Escritores foi uma resposta a uma série de assassinatos de escritores argelinos que culminou com a morte de Tahar Djaout em junho de 1993. Sob a liderança de Bourdieu, foram mobilizados cerca de sessenta intelectuais para criar uma organização internacional dedicada a denunciar a censura e fornecer apoio material a escritores perseguidos em todo o mundo. O Parlamento dos Escritores organizou o periódico intitulado *Autodafé*, publicado em cinco línguas, e atuou em torno de questões argelinas, bósnias e palestinas (WACQUANT, 2013).

Das Grandes Greves de 1995 até os Momentos Finais da Vida (1995-2002)

Após uma década marcada pelo conservadorismo intelectual europeu (ANDERSON, 1983) e a derrota da greve dos mineiros na Inglaterra (1984-1985), simbolizou o potencial político e ideológico do neoliberalismo (CALLINICOS, 2009), as greves francesas de novembro e dezembro de 1995 marcaram uma nova página na história dos movimentos sociais e operários no Ocidente. Dessa vez, a ofensiva neoliberal estava provocando uma reação popular capaz de desencadear lutas sociais expressivas, capazes de iniciar um processo de reconstrução organizativa e política das derrotas das lutas nos anos 1980.

Em Paris, as ondas de greve em defesa dos serviços públicos tiveram início em 23 de novembro de 1995, com a greve geral dos ferroviários, estendendo-se em seguida aos trabalhadores de metrô, motivadas pelo projeto de reforma da

⁷ Dissolvido em 2004, o comitê executivo do *Parlement International des Écrivains* era composto por Jacques Derrida, Édouard Glissant, Salman Rushdie e Christian Salmon, além de Pierre Bourdieu.

seguridade social do funcionalismo público do governo de Alain Juppé (1995-1997), na presidência de Jacques Chirac (1995-2007). Além de alterações no regime de previdência, estava em pauta um plano que abria caminho para a privatização da *Société Nationale des Chemins de Fer Français* (SNFC) e possibilitaria a supressão dos trajetos considerados não rentáveis, contrariando a ideia de um serviço público universal.

Trabalhadores do transporte público – nacionais e municipais – foram o núcleo principal da greve. Rapidamente, as manifestações se alastraram para outros setores, como eletricidade, saúde, educação, correios, telecomunicações, ensino. À medida que a mobilização crescia, novas demandas começaram a surgir. Movimentos pelo direito à moradia, de associações de desempregados e precarizados, dos imigrantes sem documentos (os *sans-papiers*),⁸ pela taxaço sobre as transações financeiras, além de novas formas de sindicalismo, lutas internacionais antiglobalização, além de novas modalidades de crítica social foram produzidas na esteira da onda de mobilização de novembro e dezembro de 1995. Esses movimentos, de certo modo, “empurraram” Bourdieu para o engajamento público e foram compreendidos pelo sociólogo como importantes armas de enfrentamento ao “flagelo neoliberal”:

O movimento social de dezembro de 1995 foi um movimento sem precedentes por sua amplitude, e sobretudo por seus objetivos (...) ele forneceu um verdadeiro projeto de sociedade, coletivamente afirmado e capaz de se impor ao que era imposto pela política dominante (BOURDIEU, 1998, p. 71).

De acordo com a análise de Wolfreys (2000), essa onda de mobilizações é parte de acontecimentos anteriores a 1995, que não podem ser desconsiderados. Nesse caldo de cultura mais crítico, o autor destaca as greves na *Air France* nos anos 1990, os protestos dos estudantes secundaristas de 1993, a votação expressiva do candidato trotskista Arlette Laguiller nas eleições presidenciais de 1995, o sucesso de eventos como a conferência internacional organizada pela *Actuel Marx* em setembro de 1995, a popularidade e o conteúdo político de várias obras publicadas durante a primeira metade da década de 1990, como *Espectros de Marx* [1993], de Jacques Derrida; *Marx, o intempestivo* [1995], de Daniel Bensaïd; *A miséria do mundo* [1993], de Bourdieu, entre outras (WOLFREYS, 2000).

Além de recolocar os sindicatos em cena e as lutas sociais no cenário nacional, os movimentos de 1995 representaram também a volta dos intelectuais públicos, que se dividiram basicamente em duas frentes. Uma delas, por iniciativa da revista *Esprit*, encabeçada por Alain Touraine e Paul Ricœur, sem tomar uma posição clara sobre o apoio aos grevistas e a rejeição ao plano Juppé (BENSAID, 2002). A outra, estando Bourdieu à frente, como veremos em seguida, manteve uma posição política ativa e apoio material aos grevistas e suas demandas, sendo amplamente ouvido e bem recebido.

Essa onda de mobilizações que se iniciou em finais de 1995, em um contexto de aprofundamento do neoliberalismo como uma nova “racionalidade política global” (DARDOT; LAVAL, 2016), podem ser considerados “detonadores” do

⁸O movimento dos *sans-papiers* “explodiu” em início em março 1996, quando deram início a ocupações de igrejas parisienses em favor da regularização em massa da situação dos imigrantes ilegais.

engajamento público de Bourdieu. É nesse sentido que buscaremos identificar as estratégias de ação coletiva como mobilizadoras do engajamento público de Bourdieu; e, de certo modo, também mobilizadas por ele.

Uma das “armas” de Bourdieu contra o neoliberalismo foi sua participação em mobilizações e protestos, além de declarações públicas na forma de discursos, manifestos e petições públicas⁹, que inclusive, extrapolaram os limites demarcados pelo próprio Bourdieu em sua formulação do “intelectual coletivo”.

É memorável a contrapetição *Appel des intellectuels en soutien aux grévistes*, de 4 de dezembro de 1995, quando Bourdieu respondeu a um grupo de acadêmicos proeminentes, conduzidos pela revista *Esprit* e pelo sociólogo Alain Touraine, que haviam lançado uma petição em favor da reestruturação do sistema de segurança social do governo Juppé. Até os momentos finais de sua vida, Bourdieu participou de petições contra os avanços da extrema direita na Europa e a reabilitação do fascismo, contra a restauração da censura, a repressão aos estrangeiros e o desemprego, em defesa do serviço público, da igualdade entre homens e mulheres, pelo reconhecimento legal da união homoafetiva, pela redução da jornada de trabalho, diversidade cultural e linguística, independência dos meios de comunicação, solidariedade aos argelinos, aos grevistas e aos *sans-papiers*.

Seu famoso discurso na estação ferroviária, em 12 de dezembro de 1995, por ocasião das greves, inaugurou um novo momento de seu engajamento público, marcado por seu apoio contundente aos movimentos sociais:

Ferrovários, empregados do correio, professores, funcionários públicos, estudantes e tantos outros, ativa ou passivamente engajados no movimento, expuseram, com suas manifestações, declarações e inúmeras reflexões que provocaram e que a mordaza da mídia tenta abafar, problemas absolutamente fundamentais [...]: como restituir aos primeiros interessados, isto é, a cada um de nós, a definição esclarecida e razoável do futuro dos serviços públicos, saúde, educação, transportes, etc., em ligação sobretudo com os que, nos outros países da Europa, estão expostos às mesmas condições? (BOURDIEU, 1998, p. 39)

Estou aqui para oferecer nosso apoio a todos os que lutam, há três semanas, contra a destruição de uma *civilização*, associada à existência do serviço público, a da igualdade republicana dos direitos, direito à educação, à saúde, à cultura, à pesquisa, à arte e, acima de tudo, ao trabalho (BOURDIEU, 1998, p. 37, grifo do autor).

⁹ Outra modalidade de engajamento público se deu por meio de petições públicas, que também revelam o posicionamento público de Bourdieu sobre as questões de seu tempo. De cerca de 60 petições levantadas, cabe destacar que a primeira data somente de 1980, em apoio à candidatura do palhaço Coluche para a presidência da França – *Coluche président! Le “vote clown”* –, e a última apenas um mês antes de seu falecimento – *Appel pour la défense d’ Azmi Bishara* –, pela imunidade parlamentar do deputado árabe vítima de perseguição política.

Figura 4 – Em 12/12/1995, na ocasião do pronunciamento de Bourdieu em apoio aos grevistas na estação de Paris-Lyon



Fonte: Coupé (2016).

Outro exemplo emblemático de engajamento público de Bourdieu foi o coletivo editorial *Raisons d'Agir*, formado por sociólogos no final de 1995, imerso no clima político e intelectual das greves desse mesmo ano. O objetivo do coletivo consistiu na necessidade de popularização e de divulgação do conhecimento sociológico para públicos amplos da sociedade francesa, em um contexto de “fechamento” do campo político em suas questões internas e confinamento do debate público ao estreito círculo de especialistas e intelectuais midiáticos (MAUGER; LEBARON, 2012). No “Quem somos?” do *site* do coletivo, podemos encontrar:

Concebida e realizada por cientistas sociais, sociólogos, historiadores, economistas, todos impulsionados pela vontade militante de reunir os elementos de reflexão necessários para a ação política em uma democracia, esses pequenos livros densos e bem-documentados devem constituir, pouco a pouco, uma espécie de enciclopédia popular internacional (RAISONS D'AGIR, 2016, tradução nossa)

A série publicada pela editora *Liber/Raisons d'Agir* combinou preços baixos com livros acessíveis para um público amplo e teve como objetivo reestruturar a intervenção desses instrumentos a fim de contribuir para o “debate cívico de questões sociopolíticas importantes” (WACQUANT, 2013)¹⁰.

Em 1996, duas conferências de Bourdieu intituladas “Sobre a televisão”, produzidas pelo *Collège de France* e pelo CNRS, foram ao ar na TV pública francesa, que posteriormente foram publicadas (BOURDIEU, 1997b). No primeiro episódio, Bourdieu desmonta os mecanismos de censura invisíveis, e o segundo explica de que forma a

¹⁰ Pelo menos, desde 1968, já havia, por parte de Bourdieu, um interesse em criar meios de produção e de divulgação da sociologia, como a série de livros *Le Sens Commun*, (Éditions de Minuit, entre 1964 e 1991), seguida pela série *Liber* (Éditions du Seuil) e *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, fundada por Bourdieu em 1975. Podemos citar ainda a *Revue Européenne des Livres*, publicação trimestral em forma de suplemento de jornais em diversas línguas e países, entre 1989 e 1998.

televisão, que exerce um domínio no mundo do jornalismo, altera profundamente o funcionamento do universo das artes, da literatura, da filosofia e da política, da justiça e da ciência por meio da submissão demagógica às exigências da publicidade.

Sobre a televisão (BOURDIEU, 1997b), que foi “objeto de uma vasta controvérsia que mobilizou os grandes jornalistas e editorialistas dos diários, dos semanários e das televisões francesas durante vários meses, período no qual o livro encabeçava a lista dos best-sellers” (BOURDIEU, 1998, p. 103), serviu como lançamento da editora. A série nasceu, portanto, da motivação de pesquisadores, aliados a sindicalistas, militantes políticos em sentido estrito, para reunir elementos de reflexão teórica a fim de servir de instrumento de ação política em um contexto de mudanças tanto no cenário sociopolítico francês quanto na trajetória intelectual de Bourdieu.

Outra iniciativa de engajamento público, que além de Bourdieu, principal agitador do manifesto, estiveram entre os signatários Étienne Balibar, Daniel Bensaïd, Jacques Bidet e Jacques Kergoat dos intelectuais franceses, foi o manifesto *États généraux du mouvement social* em fevereiro de 1996. O manifesto afirmava a necessidade de se constituir uma rede internacional dos diferentes movimentos antineoliberais:

A Convocação por *estados gerais de movimento social europeu* (ver site da Internet: <http://www.samizdat.net.mse>) inscreve-se nessa perspectiva. [...] trabalhando incessantemente por uma conjunção das forças sociais de resistência à altura das forças econômicas e culturais hoje em dia mobilizadas a serviço da política de “globalização” (BOURDIEU, 2001a, p. 71-72, grifos do autor).

Outra participação importante foi na Confederação Geral de Trabalhadores Gregos (GSEE), em Atenas, em outubro de 1996, ocasião em que criticou o posicionamento ambíguo e vacilante dos intelectuais pela omissão e colaboração ao programa neoliberal:

[...] quando não se contentam em deixar as coisas como estão, envolvidos em seus jogos escolásticos, se fecham numa defesa verbal da razão e do diálogo racional, ou pior, propõem uma variante dita pós-moderna [...] da ideologia do fim das ideologias [...] ou a denúncia niilista da ciência (BOURDIEU, 1998, p. 58).

Na sessão inaugural dos *États généraux du mouvement social* em Paris, em 23 e 24 de novembro de 1996, Bourdieu realizou um discurso que foi posteriormente publicado em *Contrafogos* com o título “Os pesquisadores, a ciência econômica e o movimento social”. Na ocasião, o sociólogo caracteriza o neoliberalismo como uma “revolução conservadora”, uma ideologia travestida de uma “linguagem científica”, que tem força justamente por se colocar como um consenso. Justamente por tal falseamento, a tarefa dos intelectuais consiste em desvelar o neoliberalismo por meio da contraposição científica, de “argumentos, refutações, demonstrações, e isso implica fazer um trabalho científico” (BOURDIEU, 1998, p. 73-74). Para tanto, apontou a necessidade de “inventar novas formas de comunicação entre os pesquisadores e os militantes, ou seja, uma nova divisão do trabalho entre eles” (BOURDIEU, 1998, p. 76-77).

Em junho de 1997, em Frankfurt, Bourdieu participou do terceiro fórum da Federação Alemã dos Sindicatos de Hesse, no qual apresentou a defesa de um

programa político republicano, enfatizando a necessidade de coesão e de solidariedade social em resposta à questão neoliberal:

Caso se faça da harmonização social, e da solidariedade que ela produz e supõe, um pré-requisito absoluto, é preciso submeter desde logo [...] um certo número de objetivos comuns: a definição de *salários mínimos* (diferenciados por zonas, para levar em conta as disparidades regionais); a elaboração de medidas contra a *corrupção e a fraude fiscal*, que reduzem a contribuição das atividades financeiras aos cofres públicos, acarretando assim indiretamente uma taxação excessiva do trabalho, e contra o *dumping social comum* que aceitaria, a título de transição, uma diferenciação por zonas, e ao mesmo tempo visaria integrar as políticas sociais, unificando-se em torno de pontos em comum e desenvolvendo-se onde ele não existe: com, por exemplo, a instauração de uma renda mínima para as pessoas sem emprego remunerado e sem recursos, a diminuição dos encargos que incidem sobre o trabalho, o desenvolvimento de direitos sociais, como a formação, a elaboração de um direito ao emprego, à habitação e à invenção de uma política externa em matéria social, visando difundir e generalizar as normas sociais europeias; a concepção e a implementação de uma *política comum de investimento* de acordo com o interesse geral: ao contrário das estratégias de investimento resultantes da autonomização de atividades financeiras puramente especulativas e/ou orientadas por considerações de lucro a curto prazo, ou fundadas em pressupostos totalmente contrários ao interesse geral, como a crença de que as reduções de emprego são uma prova de boa gestão e uma garantia de rentabilidade, tratar-se-ia de privilegiar as estratégias visando assegurar a salvaguarda dos recursos não renováveis e do meio ambiente, o desenvolvimento das redes transeuropeias de transporte e energia, a extensão de habitação social e a renovação urbana (BOURDIEU, 1998, p. 89-91, grifos do autor).

No jornal *O Globo*, em 4 de outubro de 1997, foi publicada uma entrevista por ocasião da publicação da edição brasileira de *Sobre a televisão*, também reproduzida em *Contrafogos*, em que Bourdieu aborda a relação entre os intelectuais e o neoliberalismo:

Já não seria mau se eles [os intelectuais] soubessem se abster de entrar em cumplicidade ou mesmo colaborar com as forças que ameaçam destruir as próprias bases de sua existência e de sua liberdade, ou seja, as forças do mercado (BOURDIEU, 1998, p. 114).

Destinado a um público amplo, a publicação de *Contrafogos* (BOURDIEU, 1998), em 1998, também foi expressão do novo ambiente de contestação aberto pelos movimentos de 1995, contribuindo para consolidar o posicionamento teórico-político que Bourdieu já vinha tomando.

O título *Contrafogos* remete à metáfora das chamas para direcionar seus escritos e ações de combate ao neoliberalismo, conforme se lê na contracapa: “contrafogo. s.m. Fogo ateadado ao encontro de um incêndio florestal para impedir-lhe a propagação: fogo de encontro”. Seguindo o sentido que Bourdieu confere ao apelo público de *Contrafogos* – e, posteriormente, *Contrafogos 2*, lançado em 2001 – podemos destacar o sentido dessa publicação como uma luta teórica e política, com o objetivo de fornecer “armas úteis a

todos aqueles que tentam resistir ao flagelo neoliberal” (BOURDIEU, 1998, p. 7). Na mensagem ao leitor, Bourdieu adverte:

Não tenho muita inclinação para intervenções proféticas e sempre desconfiei das ocasiões em que poderia ser levado pela situação ou pelas solidariedades a ir além dos limites de minha competência. Eu não teria assumido posições públicas se não tivesse, a cada vez, a impressão talvez ilusória de ser obrigado a isso por uma espécie de cólera legítima, próxima às vezes de algo como um sentimento de dever (BOURDIEU, 1998, p. 7-8).

Além de alguns textos inéditos, *Contrafogos* – e *Contrafogos 2* – reúne, em sua maioria, entrevistas e discursos que foram originalmente resultados de encontros de sindicatos, ocupações públicas e textos publicados em jornais e revistas de grande circulação.

Grande parte do conteúdo desses registros se refere à solidariedade ao movimento grevista de 1995, à defesa do serviço público, à luta dos imigrantes em situação irregular (os *sans-papiers*) e ao movimento dos desempregados. Outra preocupação, aliada ao esboço teórico sobre o neoliberalismo, que permeou a quase totalidade dos escritos e intervenções de Bourdieu no período, é a reflexão sobre a função intelectual. Ainda que os textos não representem o resultado de pesquisas e análises rigorosas como em obras anteriores, Bourdieu buscou aliar suas competências intelectuais às propostas de ação práticas, motivado por uma disposição vigorosa para apoiar e incitar os debates públicos.

Figura 5– Pierre Bourdieu em uma manifestação de desempregados em 16/1/1998



Fonte: Leprince (2019).

“Quanto mais velho fico, mais me sinto empurrado contra a ordem vigente.” Essa frase, atribuída a Bourdieu em ocasião de uma entrevista a um canal de televisão e reproduzida no *Le Monde* em 8 de maio de 1998 (apud CALLINICOS, 2009, p. 267), ilustra de forma contundente a constatação de Bourdieu sobre o compromisso moral de seu engajamento público, ainda que numa fase tardia de sua trajetória intelectual.

Figura 6 – Bourdieu com Didier Eribon (à esquerda), escritor e filósofo francês, em manifestação pelo reconhecimento jurídico do casamento homoafetivo em outubro de 1998



Fonte: Cazier (2018).

A amplitude da popularidade de Bourdieu foi também evidenciada pelo convite feito pela revista de música e artes *Les Inrockuptibles* para ser redator-chefe da edição dupla de fim de ano, em 1998. Bourdieu aproveitou a oportunidade para oferecer espaço para aqueles geralmente excluídos do “círculo midiático”: ativistas sindicais, representantes do “movimento social” e várias outras figuras associadas à chamada “esquerda da esquerda”.

Figura 7 – A edição dupla especial da revista *Les Inrockuptibles* (16/12/1998) traz Bourdieu como editor chefe convidado



Fonte: *Les Inrockuptibles* (nº 178, 1998).

Em 2001, é lançado *Contrafogos 2* (BOURDIEU, 2001a) que, assim como o primeiro número, apresenta análises tanto sobre questões políticas candentes, de interesse público geral, quanto chamados a pesquisadores e cientistas para assumirem um papel público na qualidade de intelectuais. Nesses textos, Bourdieu ressalta o papel moral do engajamento do intelectual e se inclui nessa

particularidade ao considerar que sua motivação tem origem em um sentimento de dever como cidadão, na tradição republicana do termo. No prefácio de *Contrafogos 2*, Bourdieu põe em evidência uma tarefa para os intelectuais, aprofundando a proposta do intelectual coletivo, tendo em vista o contexto sociopolítico da época:

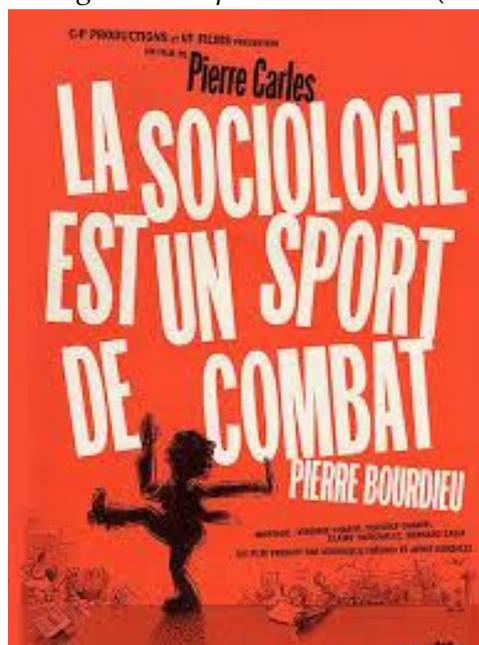
Por razões que provavelmente devem-se a mim, mas sobretudo à situação do mundo, cheguei a pensar que aqueles que têm a oportunidade de dedicar sua vida ao estudo do mundo social não podem ficar neutros e indiferentes, distanciados das lutas das quais o resultado será o futuro desse mundo (BOURDIEU, 2001a, p. 7).

Bourdieu apresentou suas críticas à Europa neoliberal, contra a globalização dos mercados e seus efeitos desiguais, ao mesmo tempo que apelou para um novo internacionalismo e para a centralidade do papel dos intelectuais nesse processo:

[...] o trabalho dos pesquisadores é indispensável para descobrir e demonstrar as estratégias elaboradas e aplicadas pelas grandes empresas multinacionais e os organismos internacionais, que, como a OMC [Organização Mundial do Comércio], produzem e impõem regulamentações à pretensão universal capaz de paulatinamente conferir realidade à utopia neoliberal de desregulamentação generalizada. Os obstáculos sociais a tal aproximação não são menores do que aqueles que se erguem entre os diferentes movimentos ou entre os movimentos e os sindicatos: diferentes por sua formação e sua trajetória social, os pesquisadores engajados num trabalho militante e os militantes ligados a um empreendimento de pesquisa devem aprender a trabalhar em conjunto, superando todas as prevenções negativas que podem ter uns a respeito dos outros e desprezando as rotinas e os pressupostos associados ao pertencimento a universos submetidos a leis e lógicas diferentes, isso graças à instauração de modos de comunicação e de debate de um tipo novo (BOURDIEU, 2001a, p. 70).

Parte significativa das variadas entrevistas e vídeos destinados a um público amplo foram registrados pelo diretor Pierre Carles em *La sociologie est un sport de combat* (2001), documentário que cobriu as atividades profissionais – incluindo aí as de engajamento público – de Bourdieu no período de 1998 a 2001. O título do documentário é uma caracterização feita por Bourdieu da própria sociologia durante entrevista à rádio comunitária *Droit de Cité*, do bairro periférico de Val-Fourré, em 1º de dezembro de 1999: “Tenho sustentado que a sociologia é um esporte de combate, um instrumento de autodefesa. Ela deve ser usada para se defender, essencialmente, e ninguém tem o direito de se servir dela para atacar”.

Figura 8 – Cartaz de divulgação do documentário *A sociologia é um esporte de combate* (2001)



Fonte: Carles (2001).

Em uma das cenas mais marcantes do filme, o sociólogo é criticado por jovens de Val-Fourré por seu intelectualismo, ao que responde concluindo que “ser um intelectual não é uma doença”:

Diz-se: “Um intelectual engajado é um intelectual que faz política”. Não, é um intelectual que é intelectual. É um intelectual que intervém no espaço público, que pode ser o espaço político, mas sem abandonar – senão é um palhaço – as exigências ordinárias de sua atividade de pesquisador. Se ir na cena política é dizer qualquer coisa, é deixar de ser intelectual (LA SOCIOLOGIE..., 2001).

Segundo Pierre Carles (2001), o documentário teve como objetivo fazer a sociologia e o próprio Bourdieu serem conhecidos pelo grande público por meio do acompanhamento do trabalho cotidiano do sociólogo: no seminário de pesquisa, em um debate, em uma escola da periferia, em uma rádio comunitária. Quando questionado por não ter privilegiado a relação militante de Bourdieu com os movimentos sociais, o diretor defende que

[...] esse é o aspecto mais conhecido porque é o mais midiaticizado. As pesquisas de Bourdieu me parecem mais determinantes que suas aparições na esfera pública. Seu engajamento se situa acima de tudo em sua obra como pesquisador. Em uma sequência do filme, ele é visto com sua equipe no processo de desenvolvimento dos “indicadores do neoliberalismo”, quer dizer, dos instrumentos precisos, objetivos e rigorosos que permitem medir o grau de avanço da política de mercado em tal ou qual país. Esse é um bom exemplo de trabalho tanto científico quanto político. Bourdieu é subversivo (CARLES, 2001).

Armas e Lições: À Guisa de Conclusão

“Ele agora era mais facilmente encontrado em conferências sindicais do que em seminários acadêmicos”, afirmou Callinicos (1999) para destacar a dedicação da última década da vida de Bourdieu ao engajamento público. O sindicalista francês José Bové afirmou que “ele tomou parte dos debates por dois dias. Ele estava lá, anônimo entre todas aquelas pessoas” (apud CALLINICOS, 1999), referindo-se à participação de Bourdieu na grande manifestação em Millau, em junho de 2000.

Estudos sobre as condições intelectuais costumam demonstrar que momentos de crise das formas e relações sociais, muitas vezes relacionados a derrotas políticas e culturais, são propícios ao questionamento do intelectual sobre o mundo e ao autoquestionamento do intelectual sobre sua própria condição. Além do famoso “caso Dreyfus”, em que Émile Zola toma partido do capitão por ocasião de sua injusta condenação, podemos nos referir também a Antonio Gramsci e a ascensão do fascismo na Itália, a Theodor Adorno e o nazismo na Alemanha, e a Jean-Paul Sartre durante a Segunda Guerra Mundial. Bourdieu realizou, especialmente em uma fase tardia, seus questionamentos e autoquestionamentos da condição intelectual também a partir de um momento crítico de sua existência social, que se tornou parte constitutiva de sua própria trajetória.

O engajamento – bem como o “não engajamento” – envolve contextos sociais e estratégias de ação, individuais e coletivas. Logo, o engajamento individual de Bourdieu está ligado a outras determinações que extrapolam a decisão e a estratégia individual. Por isso, as razões para as ausências ou abstenções são discutíveis, mas não justificam, de forma alguma, a anulação ou o rebaixamento dos compromissos políticos tardios de Bourdieu.

Bourdieu esteve imerso em período de crise e de redefinições societárias que certamente atingiu sua forma de lidar com seu “ofício de sociólogo”. Tomado por uma “cólera legítima” e motivado por “sentimento de dever” (BOURDIEU, 1998, p. 8), o engajamento público de Bourdieu e a construção de uma subjetividade insurgente a partir da década de 1990 foram manifestações derivadas da crise social aberta pela consolidação normativa da “racionalidade neoliberal” (DARDOT; LAVAL, 2016).

As experiências que foram resgatadas neste artigo representam “materializações” de seu engajamento público. A formulação do intelectual coletivo tal como Bourdieu apresentou em *As regras da arte* foi realizada à luz do aprofundamento da questão neoliberal, mas, de certa forma, foram as lições tiradas pelas greves de 1995, que potencializaram a função de intelectual público de Bourdieu, inclusive revelando os limites do seu ideal de intelectual coletivo. Quando as manifestações da “crise de civilização” se revelaram ainda mais intensas, a tomada de posição mais política, pública e midiática de Bourdieu também figurou como uma expressão dessa crise social, que se tornou o próprio mecanismo detonador de seu engajamento.

O sentido dessa subjetividade insurgente foi construído em torno da figura daquele que ia a público apresentar sua denúncia crítica contra o neoliberalismo e seu apoio aos movimentos sociais. Mais preocupado, portanto, em demonstrar a urgência dessa crítica e desse apoio e menos em se encaixar no seu ideal de “intelectual coletivo”, ou seja, legitimado por sua competência específica para realizar esse engajamento. Bourdieu incorporou, tardiamente, um intelectual público que se preocupou mais em responder, a seu modo, às exigências que estavam dadas na sociedade do que em ser a personificação do modelo de intelectual coletivo que ele mesmo formulou. Concentrou seus esforços em estabelecer uma comunicação com a sociedade civil sobre as questões públicas de seu tempo, independentemente do grau de sua especialização e competência

originadas no campo científico. E, também, conclamou diretamente pesquisadores e intelectuais para o engajamento público e o compromisso cívico para com a sociedade francesa (1998, 2001a). A própria ausência de uma sociologia do neoliberalismo e de uma sociologia do engajamento revelam algumas ambiguidades e paradoxos do engajamento público de Bourdieu em relação à sua teoria sociológica (BENSAÏD, 2002; LAVAL, 2018; MAUGER, 2009). Não é à toa que, para Bourdieu, “se o sociólogo tem um papel, este seria, antes de tudo, dar armas e não lições” (BOURDIEU, 1983, p. 75).

As armas de defesa de Bourdieu, como ele mesmo fazia de questão de enfatizar, se transformam em lições para as gerações futuras¹¹. É nesse sentido que a reflexão sobre o engajamento público de Bourdieu, indivíduo dotado de escolhas no interior de condições sociais específicas, não deve ser negligenciado. Do falecimento de Bourdieu aos dias de hoje, ainda vivemos sob as consequências do “flagelo neoliberal”. Não se trata, portanto, de fazer uma apropriação das soluções e estratégias construídas por Bourdieu, mas incorporá-las criticamente, à luz das exigências e compromissos dos tempos atuais.

Referências

- ANDERSON, Perry. *In the tracks of historical materialism*. London: Verso, 1983.
- BENSAÏD, Daniel. Désacraliser Bourdieu. *Le Magazin Littéraire*, Paris, n. 369, out. 1998.
- BENSAÏD, Daniel. Pierre Bourdieu, l’intellectuel et le politique. In: BENSAÏD, Daniel (org.). Dossier: Pierre Bourdieu, le sociologue et l’engagement. *Contretemps. Critique de L’écologie Politique*, Paris, v. 4, maio. 2002.
- BOURDIEU, Pierre (coord.). *A miséria do mundo*. Petrópolis: Vozes, 1997a.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a.
- BOURDIEU, Pierre. *Contrafogos: táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *Intervenciones políticas: un sociólogo en la barricada*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. *Las estructuras sociales de la economia*. Buenos Aires, Manantial, 2001b.
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997b.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: Cursos no Collège de France (1989-92)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. *Ofício de sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CALLINICOS, Alex. A teoria social e o teste da política: Pierre Bourdieu e Anthony Giddens. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, v. 1, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1536/1357>. Acesso em: 22 mar. 2020.

¹¹ Recentemente, a França experimentou uma nova onda de mobilizações antineoliberais, conhecida como “coletes amarelos” (*gilets jaunes*). Aversa à “concepção dominante da sociedade baseada na competição, no desempenho, na rentabilidade e no ‘escoamento’ da riqueza de cima para baixo” (DARDOT; LAVAL, 2018), as mobilizações tiveram início em outubro de 2018, dias antes do governo Macron (2017 -) anunciar um pacote de novas medidas econômicas neoliberais. Algumas delas foram revogadas em resposta ao movimento. Cabe destacar que, logo no início de seu mandato, Macron fez uma reforma trabalhista ainda em 2017 e do sistema ferroviário em 2018.

CALLINICOS, Alex. Reformism and class polarisation in Europe. *International Socialism*, London, v. 2, n. 85, 1999. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/writers/callinicos/1999/xx/reformism.htm#f10>. Acesso em: 22 mar. 2020.

CARLES, Pierre. La sociologie est un sport de combat. [Entrevista cedida a] Olivier Cyran. *Moderne*, Paris, 15 février 2001 Disponível em: <http://www.homme-moderne.org/images/films/pcarles/socio/cyran.html>. Acesso em: 20 mar. 2020.

CAZIER, Jean-Philippe. Didier Eribon: retour à reims. *Diacritik*, Paris, 10 oct. 2018. Disponível em: <https://diacritik.com/2018/10/10/didier-eribon-retour-a-reims/>. Acesso em: 19 mar. 2020.

CHAMPAGNE, Patrick *et al.* Situação do curso sobre o Estado na obra de Pierre Bourdieu. In: BOURDIEU, Pierre. *Sobre o Estado: cursos no Collège de France (1989-92)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 489-494.

CHAMPAGNE, Patrick. Prefácio. In: BOURDIEU, Pierre. *Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico*. São Paulo: Unesp, 2004. p. 7-15

COUPÉ, Annick. Responsable irresponsable. [Entrevista cedida a] Daniel Mermet. *LÀ-BAS Hebdo*, Paris, n. 49, 20 maio 2016. Disponível em: <https://la-bas.org/la-bas-magazine/entretiens/annick-coupe-responsable-irresponsable>. Acesso em: 19 mar. 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *Avec les gilets jaunes: contre la représentation, pour la démocratie*. *Mediapart*, Paris, 12 dez. 2018. Disponível em: <https://blogs.mediapart.fr/les-invites-de-mediapart/blog/121218/avec-les-gilets-jaunes-contre-la-representation-pour-la-democratie>. Acesso em: 10 mar. 2020.

LA SOCIOLOGIE est un sport de combat – Pierre Bourdieu. 2001. Direção de Pierre Carles. Produção: Véronique Frégosi e Annie Gonzalez. Paris: C-P Productions e VF Films/Cara M. (146 min).

LAVAL, Christian. *Foucault, Bourdieu et la question néolibérale*. Paris: La Découverte, 2018.

LEPRINCE, Chloé. *SNCF: quand la réforme jetait Ricœur contre Bourdieu... il y a 24 ans*. France Culture, Paris, 6 dez. 2019. Disponível em: <https://www.franceculture.fr/histoire/sncf-quand-la-reforme-jetait-ricoeur-contre-bourdieu-il-y-a-23-ans>. Acesso em: 19 mar. 2020

MAUGER, Gérard. Tirer les conséquences. L'engagement sociologique de Pierre Bourdieu. *Conférence Was tun mit dem Erbe*, Bielefeld, out. 2009. Disponível em: http://fondation-bourdieu.org/fileadmin/user_upload/Files/Bielefeld_2009/mauger-eng.pdf. Acesso em: 29 jan. 2020.

MAUGER, Gérard; LEBARON, Frédéric. Raisons d'agir: un intellectuel collectif autonome. *Journal des Anthropologues*, Paris, n. 77-78, p. 295-301, 2012.

NEVEUX, Olivier. *Politiques du spectateur: les enjeux du théâtre politique aujourd'hui*. Paris: La Découverte, 2013.

PIERRE Bourdieu est mort. *Le Monde*, Paris, 25 Jan. 2002.p. 29-30.

RAISONS D'AGIR. *Qui Sommes Nous*. 2016. Disponível em: <http://www.raisonsdagir-editions.org/qui-sommes-nous>. Acesso em: 13 maio 2016.

WACQUANT, Loïc. Bourdieu 1993: um estudo de caso em consagração científica. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 28, n. 83, 2013.

WOLFREYS, Jim. In perspective: Pierre Bourdieu. *International Socialist Review*, New York, v. 87, 2000. Disponível em: <http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/lsj87/wolfreys.htm>. Acesso em: 29 mar. 2015.

*Minicurriculo da Autora:

Keila Lúcio de Carvalho. Doutora em Ciências Humanas (Sociologia) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ). E-mail: keilalcarvalho@gmail.com.